

Coluna do Povo

"O Palácio dos Azulejos"

Senhor redator:

Os jornais deram notícia da vinda a Campinas do sr. Arnaldo D'Avila Florence, do Patrimônio Histórico e Artístico de S. Paulo, que veio a esta cidade especialmente para tratar da fundação do Museu Histórico, no prédio da Prefeitura, o chamado "Palácio dos Azulejos", que, não obstante as reformas que passou, conserva ainda o aspecto de um daqueles casarões do século passado, residência de Barão, cenário de muitos acontecimentos sociais e políticos na Campinas de nossos avós.

Como se sabe, no interior do velho edifício, ainda funcionam as repartições do DAE, que por certo serão logo transferidas para as novas dependências do Palácio dos Jequitibás onde os operários trabalham até altas horas da noite, no afã de concluir mais alguns andares.

Ao contrário do que pensam algumas pessoas, somos plenamente favoráveis à instalação do decantado Museu Histórico no "Palácio dos Azulejos", depois das necessárias adaptações do edifício, que se encontra atualmente em condições precárias. A localização é esplendida. O prédio é amplo, espaçoso e pode abrigar alguns museus existentes, inclusive o do Bosque dos Jequitibás, menos a parte da História Natural, que deve permanecer lá mesmo, no prédio do antigo restaurante, infelizmente fechado até hoje, numa lamentável prova de desídia da atual administração municipal.

Com a mentalidade reinante atualmente, não acreditamos na imediata instalação do Museu, sob a alegação de que não "há verba". Até um auxíliozinho ao Congresso de História, importante certame cultural a realizar-se em julho, foi negado, para a confecção dos cartazes. Por mais incrível que pareça, a Prefeitura gastou muito dinheiro com o carnaval. Nesse ponto, devemos fazer justiça ao sr. Rui Novais, que, como prefeito, nunca dispendeu um cruzeiro sequer com festejos carnavalescos e tom futebol. Chegou a entrar em atrito com o Conselho de Turismo que funcionava na época, porque se recusou a dar dinheiro para compra de troféus e para auxiliar conjuntos momísticos, blocos, escolas de samba, etc.

O dinheiro do povo deve ser bem empregado. Em coisas úteis que tragam benefícios. Se o povo quer se divertir, pulando e cantando nas ruas, que se divirta, ninguém tem nada com isso, ninguém se opõe, mas às suas próprias custas, se mrecorrer aos cofres públicos.

Essa opinião, talvez, desagrade muita gente, mas somos francos e não vacilamos em dizer aquilo que nós sentimos, doa a quem doer.

Consideramos o futuro Museu Histórico uma necessidade vital para Campinas, tal a importância que esta cidade desfruta, a sua importância nos grandes acontecimentos que sacudiram a vida nacional, como, por exemplo, na República. Terra verdadeiramente privilegiada, Campinas deu ao Brasil uma pleiade de homens extraordinários, na política, na economia e na religião. Um deles, Eugenio de Camargo, foi o pioneiro nas pesquisas de petróleo realizadas na região de Bofete. Somos de opinião que a Petrobras, pelo seu setor competente, deve realizar uma pesquisa em torno do trabalho desse esquecido e bravo campineiro. Eugenio de Camargo, que empregou toda a sua fortuna na pesquisa de petróleo na região de Bofete, contratando, inclusive, um técnico estrangeiro e se sacrificando por um ideal.

Em decorrência da falta de um Museu, precioso material já se perdeu ou está se perdendo lamentavelmente, inclusive muitos objetos existentes em velhas fazendas, que poderiam reconstituir uma época de grande expressão para a vida econômica do País, quando Campinas era o maior centro cafeeiro do país.

Além do mais, o Museu poderia ter uma sala exclusivamente destinada ao 9 de Julho, guardando com carinho, o material hoje de posse da Associação dos Ex-Combatentes de 32, além do Museu Carlos Gomes, com a transferência do local onde hoje se encontra, no Centro de Ciências, Letras e Artes.

Quadros de pintores campineiros, Caruso, Cardarelli, Pompeuzinho, Gerson Pompeu e tantos outros, poderiam ser expostos nas salas do Museu, além de tantas outras coisas bonitas, de valor histórico, que se encontram em poder de famílias tradicionais, que esperam doa-las a um Museu para ter a certeza de uma conservação cuidadosa.

Uma sala seria destinada a Cesar Bierrenbach, o grande tribuno que só não foi para Haia, integrando a representação liderada por Rui Barbosa, por ter contraído uma enfermidade. Há cem anos nascia esse grande campineiro, um vulto injustamente esquecido, não vivêssemos numa época de interesses imediatistas, egoísmo e desenfreada ganancia, em que o passado é considerado uma velharia embolorada que nada representa.

Por todos esses motivos, somos favoráveis à imediata instalação do Museu Histórico no Palácio dos Azulejos e não no edifício da Santa Casa, como querem alguns visionários. Mas que o Museu seja uma realidade. Que não fique em conversa mole, nos coquetéis e nas reuniões inúteis. Que algo de positivo seja realizado em favor da restauração do Palácio dos Azulejos, em boa hora tombado pelo Instituto Histórico e Geográfico, não obstante a opinião de alguns historiadores, inclusive do próprio Jolumá Brito, que acha o prédio sem nenhuma significação histórica. Não concordamos com ele, pois um edifício que foi sede, durante tantos anos, de uma Prefeitura, cenário de tantos acontecimentos políticos notáveis, por onde passaram homens tantos vultos do passado, intendentes e prefeitos, é, positivamente, um prédio histórico. Foi, além disso, residência de um Barão, remanescente de uma época que já vai longe mas que teve significação extraordinária na vida e na história da cidade.

A matéria desta seção é de exclusiva responsabilidade de seus autores e, por essa razão, embora não publicadas, todas cartas devem conter nome e endereço.